

**FACER - FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA
CURSO DE DIREITO**

EDNA PATRÍCIA DOS SANTOS

A PROSTITUIÇÃO INFANTIL NO BRASIL

RUBIATABA - GO

FACER - FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA
CURSO DE DIREITO

EDNA PATRÍCIA DOS SANTOS

A PROSTITUIÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Monografia apresentada a FACER - Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Direito sob a orientação da professora Cláudia Pimenta Leal.

Rubiataba – Goiás
2008

FOLHA DE APROVAÇÃO

EDNA PATRÍCIA DOS SANTOS

A PROSTITUIÇÃO INFANTIL NO BRASIL

COMISSÃO JULGADORA

MONOGRAFIA PARA OBTENÇÃO DO GRADUADO PELA FACULDADE
DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA

Resultado: _____

Orientador _____
Mestre em Ciências Penais/ Cláudia Pimenta Leal.

2º Examinador _____
Mestre em Sociologia/ Geruza Silva de Oliveira

3º Examinador _____
Titulação/nome

Rubiataba, 2008

Dedico ao meu pai Francisco Teodoro dos Santos (in memorian). Você partiu antes que o momento tão esperado chegasse. Às vezes, fico imaginando como seria vê-lo sentado na platéia, olhando para mim com os olhos cheios de lágrimas e o coração transbordando de orgulho.

Pai! eu queria te encontrar, te abraçar, te sentir. Sinto saudades, mas sei que de uma forma ou de outra você estará comigo. Sentirei sua presença, sorrindo e feliz, quando receber meu diploma. Sentirei a sua mão carinhosa afagar meus cabelos e, neste instante te abraçarei em silêncio, sorrirei para você e deixarei fluir esta emoção e assim ouvirei seus aplausos. Tenho certeza de que onde você estiver, estará repartindo comigo a alegria deste momento. Estou realizando um sonho meu e seu, e só consegui porque tenho você dentro de mim. Você não está mais aqui, mas eu ainda sou um pedaço seu e carrego comigo tudo de bom que me deixou

PAI! SEMPRE TE AMAREI...

Primeiramente agradeço a Deus por estar sempre ao meu lado. Ao meu irmão Erivam Francisco dos Santos, a minha mãe Luzia Carolina dos Santos, por estar ao meu lado durante estes cinco anos. E a todos os professores que passaram pela minha vida nestes anos em busca de um futuro melhor.

E aos presentes que deixaram saudades: Minhas orientadoras Cláudia Pimenta Leal, Geruza Silva de Oliveira, saudades também a Eliane de Fátima, Roseane Cavalcante Souza, Fabiana A.B.P. Almeida Rezende, Eduardo Barbosa Lima, Monalisa Bittar e Luciano do Valle. Obrigada a todos!

Em especial, agradeço ao meu irmão, Pe. Edílson José dos Santos por me ensinar que a todo dia podemos recomeçar, lhe agradeço, por me fazer sentir alguém diferente e por saber que sempre poderei contar contigo.

“Nunca ame ninguém mais do que você mesma”.

Edna Patrícia dos Santos.

RESUMO - Este trabalho tem como objetivo primordial mostrar como a prostituição infantil em nosso país está cada vez mais alarmante. É preciso que as pessoas se conscientizem da importância da colaboração que podem oferecer para nossas crianças, fazendo com que seus direitos sejam cumpridos perante a lei, que sejam respeitadas e o mais importante ouvidas. Sabemos que a prostituição infantil é um mal que está presente praticamente em todas as partes do país e normalmente envolvendo o crime organizado que acaba aliciando para esta atividade. A prostituição infantil se tornou o terceiro comércio mais rentável no Brasil. A exploração ou prostituição infantil é crime de ordem pública, pode ser denunciada por qualquer pessoa que viu ou presenciou tal fato. A exploração sexual no Brasil descreve-se como uma característica desumana, pois a implicação de representantes dos poderes judiciário, executivo e legislativo, não se empenham na maioria dos casos na resolução do problema. Mesmo sendo como agentes diretos da exploração, ou como incentivadores das redes que tornam os corpos e a vida de crianças e adultos mera mercadoria.

Palavras-chave: Prostituição Infantil, Exploração Sexual, Pobreza e Pedofilia.

ABSTRACT - This paper aims to show how the primary child prostitution in our country is increasingly alarming. People need to be aware of the importance of collaboration that can offer to our children, so that their rights are met before the law, which are respected and the most important hearing. We know that child prostitution is an evil that is present in virtually all parts of the country and usually involving organized crime that has just tricked into this activity. The child prostitution has become the third most profitable trade in Brazil. The exploitation or child prostitution is a crime of public order, may be denounced by everyone who saw or witnessed this fact. "Sexual exploitation in Brazil describes itself as a feature inhumane, because the involvement of representatives of the judiciary, executive and legislature, not to engage in most cases to resolve the issue. Even being as direct agents of exploitation, or as encouraging the networks that make their bodies and lives of children and adults mere commodity.

Word-key: Child Prostitution, Sexual Exploration, Poverty and Pedophilia.

LISTA ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS - Acquired Immunodeficiency Syndrome ou Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

ART. Artigo

APUD – conforme, citado

CBIA - Centro Brasileiro para a Infância e Adolescência

DST - Doenças Sexualmente Transmissíveis

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

HIV - Vírus de Imunodeficiência Humana

IBID - No mesmo lugar

ONU - Organização das Nações Unidas

S/D - Sem Data

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 – PROSTITUIÇÃO INFANTIL: AMBIENTE DE VIOLÊNCIAS.....	14
1.1 Aspectos Históricos.....	14
1.1.1 Antiguidade.....	15
1.1.2 Sociedades Primitivas.....	15
1.1.3 Cristianismo e Idade Média.....	15
1.1.4 Revolução Industrial.....	16
1.1.5 Século XX.....	16
1.2 A Prostituição Infantil.....	17
1.3 A Prostituição Infantil no Brasil.....	19
1.4 Prostituição Infantil, Pornografia e Drogas.....	20
1.5 A Violência que Permeia a Prostituição Infantil.....	21
1.6 Prostituição Infantil: Rentável Comércio.....	22
1.7 Campanhas do Governo Contra a Prostituição Infantil.....	24
2 PROSTITUIÇÃO INFANTIL: MISRIA E POBREZA.....	26
2.1 Exploração a Prostituição Infantil.....	26
2.2 Crianças e Adolescentes não se Prostituem.....	28
2.3 Desigualdade Socioeconômica.....	29
2.4 Estados onde o Problema é mais Grave.....	30
3 ADOLESCÊNCIA: RISCO, VULNERABILIDADE E RESILIÊNCIA.....	33
3.1 Fatores que Prejudicam Lentamente a Personalidade do Adolescente.....	33
3.2 Desenvolvimento Biológico e Psicoemocional.....	34
3.3 Qualquer Lugar é um Espaço para se Educar Sexualmente.....	36
3.4 Vulnerabilidade.....	37
3.5 Fatores de Risco e Proteção.....	39
3.6 Laços de Afetividade.....	41
4 A PROSTITUIÇÃO NA ADOLESCÊNCIA: INTERFACES COM A INSTITUIÇÃO FAMILIAR.....	44
4.1 Universo da Prostituição.....	44
4.2 Prostituição Infantil: Incertezas e Inseguranças.....	46

4.3 Pauperização das Famílias Brasileiras.....	47
4.4 Pedofilia.....	48
4.5 Pedofilia na Família.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55

INTRODUÇÃO

Vem-se através deste apresentar o tema o qual será abordado nesta monografia, a prostituição infantil no Brasil, o qual tem-se consciência que a prostituição infantil cresce no Brasil proporcional ao abandono e falta de colaboração do governo nessa luta, que cresce a cada dia.

Os acontecimentos que temos visto sobre a exploração sexual infantil no Brasil alcançaram uma intensidade enorme, tanto que acabou se transformando em superfície de fundo para os mais presentes escândalos político nacional, que foi o caso de grampos de autoridades federais.

A exploração sexual infantil afigura-se, indiscutivelmente, como um dos temas mais sensíveis da realidade social e criminal do nosso tempo. No entanto, o fato da exploração sexual infantil estabelecer de feitiço doloroso e expor que os abusadores sexuais existem em todos os ambientes, em todos os status sociais e em todas as condições econômicas.

Além disso, essa realidade vem confirmando, que os comércios conectados à exploração sexual de crianças movimentam cifras de valor estimável e está estabelecida a condição mundial, composto por mercados em busca crescente.

O objetivo geral do presente estudo é conscientizar a todos que a prostituição infantil é crime e que todos deveriam lutar pelo combate à exploração infanto-juvenil tanto meninas ou meninos.

Os objetivos específicos foram informar que a prostituição infantil envolve quase todas as formas de abuso, pois são comuns as agressões, as violências sexuais, as ameaças, o trabalho escravo, a tortura policial, a venda por dinheiro/ouro, na vida das meninas prostituídas; analisar o perfil da menina prostituída; realizar estudo para observar as questões sociológicas, educacionais e o meio o qual vivem essas crianças e adolescentes e informar sobre os direitos da criança preconizados na Constituição Federal do Brasil (1988), no Estatuto da Criança e do Adolescente e na Convenção Internacional dos Direitos da Criança (1989).

Este trabalho se justifica por tratar-se de um assunto bastante preocupante, pois a prostituição infantil, ou seja, de menores, é um tema o crescente em nosso país. O que acarreta em um crescimento cada vez maior nos números referentes a esse tipo de delito, sim, pois a prostituição infantil é um crime reconhecido pela nossa legislação.

A metodologia utilizada caracteriza-se como um estudo bibliográfico e exploratório, utilizando a leitura e pesquisa via internet, para a realização deste, uma vez que os dados serão coletados através de fontes secundárias, e cujo objetivo será saber como a prostituição infantil está se desenvolvendo na sociedade avaliando desempenhos, através da identificação da realidade atual analisando as abordagens da literatura sobre a temática em questão.

A pesquisa bibliográfica abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico e meios de comunicação como rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais (filmes e televisão).

Fez-se uso também da pesquisa exploratória, a qual tem por objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema (fenômeno a ser investigado), com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Visa o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições.

Utilizou-se a pesquisa qualitativa, sendo assim, sabe-se que a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização etc.

A metodologia adotada foi de suma importância para que a pesquisa tivesse um bom andamento, através da pesquisa bibliográfica e exploratória, fazendo uso da pesquisa online e em livros e outros. A pesquisa utilizada foi importante, pois facilitou o meu estudo on-line sobre o tema.

Através dos métodos utilizados pôde-se mostrar o quanto a prostituição infantil no Brasil é um assunto de extrema urgência, tendo como finalidade primordial alertar e mostrar o quanto nossas crianças tem sido esquecidas pela sociedade, que às vezes muito se fala, mas

poucos se faz, precisa-se de muito mais, para que a prostituição infantil realmente um dia possa vir a se tornar inexistente em nosso País.

Este trabalho foi dividido em quatro capítulos onde se aborda os principais temas referentes à Prostituição infantil no Brasil.

No primeiro capítulo será abordado o tema “Prostituição Infantil: Ambiente de Violências”, onde veremos seus aspectos históricos, a violência que permeia prostituição infantil no Brasil, o rentável comércio e as campanhas do governo contra a prostituição infantil.

No segundo capítulo aborda-se o tema “Prostituição infantil: miséria e pobreza”. Neste capítulo iremos estudar sobre a relação da prostituição infantil com a miséria e a pobreza. Existem muitos autores que afirmam que a prostituição e a pobreza caminham muito próximas. Veremos que a pobreza não lhes tira os direitos e a ignorância não lhes desobriga dos deveres.

Partindo para o terceiro capítulo com o tema “Adolescência: risco, vulnerabilidade e resiliência”. Ver-se-á que além da Adolescência ser uma etapa de estruturação para a vida adulta, também sofre influências de experiências das fases anteriores, consequência no contexto cultural e social que cada um vive.

Finalizando com o quarto capítulo sobre a prostituição na adolescência: interfaces com a instituição familiar. Neste capítulo fala-se da prostituição na adolescência, e suas interfaces com a instituição familiar, tendo como objetivo principal a pedofilia.

1 PROSTITUIÇÃO INFANTIL: AMBIENTE DE VIOLÊNCIAS

Este primeiro capítulo tem como objetivo principal, apresentar e conscientizar as pessoas o que realmente é a prostituição infantil. Mostra-se neste capítulo seus ambientes de violências e seus aspectos históricos e muito mais.

1.1 Aspectos Históricos

A construção social acerca do tema prostituição obteve, desde tempos antigos, explicações preconceituosas e discriminatórias. Sendo assim, o conceito que se tem é vinculado às doenças, transgressões morais e à criminalidade. Essas explicações resistiram ao tempo e permanecem como ameaça à sociedade e a família nuclear. Idéias contrárias ao senso comum parecem garantir, de acordo com Foucault (1999) *apud* Peres e Romera,(1997), a manutenção do *status quo*¹.

“A palavra prostituição é derivada do *verbo latino prostituere*, que significa comerciar, traficar, quer dizer oferecer o próprio corpo para fins sexuais, em troca de dinheiro ou outros bens materiais” (IBOR, 1979, p. 237). Considerada a profissão mais antiga do mundo, têm-se informações de sua existência em épocas e civilizações muito antigas, porém, de acordo com Ibor (1979), a prostituição atingiu seu auge durante a Idade Média, com o renascimento da paixão erótica na sociedade, havendo a necessidade de um escape para os desejos reprimidos tanto das classes baixas quanto das mais elevadas.

Abaixo serão citados alguns aspectos históricos da prostituição.

¹ *Statu quo* é uma expressão latina (in statu quo ante) que designa o estado atual das coisas, seja em que momento for. Disponível em: <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20061130101326AAjPrhq>. Acesso em: 15/03/08.

1.1.1 Antiguidade

Em algumas civilizações, a prostituição era exercida por meninas como uma condição de ritual de introdução bem como chegavam à puberdade.

1.1.2 Sociedades Primitivas

De acordo com Silva (s/d)², nas sociedades onde não havia civilização, nas quais não havia o domínio privado nem a família monogâmica, não se exercia a prostituição nem mesmo um outro tipo de ocupação pessoal recompensado.

É de conhecimento, no entanto, acontecimento de tribos pequenas nas quais os homens tinham capacidade de estimular as mulheres à relação sexual com a oferta de objetos por elas desejados. Em outros povos, a prostituição de meninas foi praticada como ritual de introdução à puberdade.

1.1.3 Cristianismo e Idade Média

Com o aparecimento do cristianismo (Idade Média) houve a tentativa da eliminação da prostituição. Porém existia o culto ao casamento cortês, onde a política e a economia sobrepujavam aos sentimentos, e as uniões eram arrançadas somente por interesse, reforçando a prostituição. (SILVA, S/D)³

Bem como teve a Reforma religiosa no século XVI, o puritanismo deu início a implicar de forma expressiva na política e na cultura. Juntar-se a este evento sucederia uma grande epidemia de doenças sexualmente transmissíveis, e a Igreja então determinou enfrentar frontalmente a prostituição, exalando dogmas para abolir de uma vez por todas com a promiscuidade e a atividade que eventualmente desabou na clandestinidade, ainda restarem certas cortesãs.

² Kelly Oliveira Silva. **Prostituição**. S/D. Disponível em: <http://www.coladaweb.com/diversos/prostituicao.htm>. Acesso em: 15/02/08.

³ *Ibid*

1.1.4 Revolução Industrial

Com o aparecimento da Revolução Industrial, passou a existir certo aumento na prostituição. As mulheres começaram a adicionar à força de trabalho, e com as categorias consistir em ser desumana, a maioria das mulheres começaram a prostituir-se em troca de serviço dos patrões e capatazes, aumentando outra vez a prostituição e o tráfico de mulheres. Simplesmente em 1899 advêm as primeiras ações para abolir com a escravidão e exploração sexual de mulheres e meninas. Vinte e dois anos mais tarde, a Liga das Nações começou a mobilizar para tentar erradicar o tráfico para terminação sexual de mulheres e crianças. (SILVA, S/D)⁴

1.1.5 Século XX

De acordo com Costa e Araújo (2008)⁵, a ONU (Organização das Nações Unidas), em 1949, denunciou e tentou tomar medidas para o controle da prostituição no mundo. Desde o início do século XX, os países ocidentais tomaram medidas visando a retirar a prostituição da atividade criminosa onde se tinha inserido no século anterior, quando a exploração sexual passou a ser executada por grandes grupos do crime organizado; portanto, havia a necessidade de desvincular prostituição propriamente dita de crime, de forma a minimizar e diminuir o lucro dos criminosos.

Assim sendo, desta forma, as prostitutas começaram a ser exclusivamente perseguidas pelos órgãos de repressão, se incitassem ou fomentassem a atividade publicamente. Com a disseminação de medidas profiláticas e de higiene e o uso de antibióticos, o controle da propagação de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e outras enfermidades correlatas à prostituição pareciam próximo até meados da década de 1980 no século XX, porém, a AIDS tornou a prostituição uma prática potencialmente fatal para

⁴ *Ibid*

⁵ Francisco Costa; Chico Araújo. **Site do governo federal ensina como ser prostituta**. 2008 .Disponível em: http://www.oaltoacre.com/index.php?option=com_content&task=view&id=2845&Itemid=26. Acesso em: 10/03/08.

prostitutas e clientes, havendo no início da enfermidade uma verdadeira epidemia. (COSTA E ARAÚJO, 2008)⁶.

1.2 A Prostituição Infantil

A prostituição infantil, ou seja, de menores, é um tema muito preocupante nos dias de hoje devido ao crescente número de marginalizados em meio à pobreza crescente de nosso país. O que acarreta em um crescimento cada vez maior nos números referentes a esse tipo de delito, sim, pois a prostituição infantil é um crime reconhecido pela nossa legislação.

Existem inúmeros motivos para o crescimento da prostituição infantil, que vão desde o turismo sexual, entre outros.

Seria muito dizer que enlencaremos cada um dos motivos que levam a existência e crescimento da prostituição infantil, mas procuraremos abordar pelo menos o maior número possível de motivos buscando os principais e abordando os diversos focos sobre o tema.

A expressão prostituição infantil, com base em Rodrigues (2007, *apud* Saffioti, 1989)⁷, é percebida a partir de duas abordagens: uma que se entrecruza com o conceito de exploração econômica e outra que se faz menção à obtenção de prazer, com prejuízo de saúde mental de quem está sendo explorado.

Essa expressão não está relacionada apenas a crianças; ela serve também para adolescentes que, mesmo não tendo ainda uma consciência sobre a sua sexualidade e sobre o seu corpo, são levados a se prostituírem por diferentes motivos. (RODRIGUES, 2007 *apud* SAFFIOTI, 1989)⁸.

⁶ *Ibid*

⁷ Leila Célia Garcia Rodrigues. **A infância violada: ameaçada pelos maus tratos**. 2007. In: SAFFIOTI, H.I.B. A síndrome do pequeno poder. In: AZEVEDO, M.A. & GUERRA, V.N.A. **Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder**. São Paulo: Inglu, 1989. Disponível no site: http://www.coopemult.com.br/olharcritico/ver_artigo.asp?codigo=290. Acesso em: 13/04/08.

⁸ *Ibid*

No século passado, a prostituição revela-se como: (a) ameaça física enquanto causa de doenças, com realce para a sífilis; (b) risco moral, uma vez que para esse saber a prostituição poderia ter a capacidade de ser um exemplo prejudicial para as moças; (c) acontecimento natural e social, porque, além de ser prática atual em todos os países e em eras mais primitivas, encontrariam-se acopladas ao organismo humano, admitindo que a intuição sexual se alcance, agenciando uma entrega ao anseio arrebatador.

Sabe-se que a crise que assola o Brasil hoje é observada em todos os níveis: social, econômico e político. A crise assinala reflexos no Judiciário, que muitas vezes se vê desprovidos de condições de interferir e proteger todos os direitos essenciais e fundamentais garantidos constitucionalmente.

O dever de educação e preocupação com os filhos é fundamentalmente dos pais, que devem tê-los em sua companhia, acarinhá-los e educá-los. A primeira noção que temos de criança de rua, é daquela criança que não tem família, porque foi abandonada ou porque fugiu dos maus tratos ou do abuso sexual.

O Estado tem o dever de zelar pelas crianças e adolescentes, principalmente na ausência de seus pais, mas não consegue cumprir suas obrigações. A sociedade ignora essas crianças porque são feias, sujas ou porque foram adulteradas pela miséria e falta de cultura.

As notícias sobre a situação dessas crianças são mostradas na mídia como: pivetes que assaltam bancos, e estão fazendo rebeliões nas Casas de Recuperação. É muito mais rentável para a mídia acusar as crianças e adolescentes de rua do que informar à população sobre os porquês dessas crianças estarem nas ruas prostituindo-se.

A sexualidade humana é parte principal e muitos ainda argumentam que ela seja até parte principal na constituição da identidade das pessoas. De acordo com as teorias psicológicas, a criança e o adolescente atravessam por fases de desenvolvimento sexual que precisam ser respeitadas e protegidas.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) explicita no artigo 5º que: *In verbis*:

[...] nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punindo na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais⁹.

1.3 A Prostituição Infantil no Brasil

Segundo Gomes (1994) *apud* Saffioti (1989)¹⁰, as estimativas que se tem sobre prostituição infantil no Brasil revelam um quadro sério e preocupante. A estimativa do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), que levanta a possibilidade de 20% das meninas brasileiras entre 10 e 15 anos exercerem a prática da prostituição. Em Dimenstein (1992) há outra estimativa, do Centro Brasileiro para a Infância e Adolescência (CBIA), que aponta para a existência de 500 mil meninas brasileiras que vivem na prostituição.

Um levantamento local, mencionado por Vasconcelos (1991, p. 56), aponta para o fato de, “num espaço de 40 dias, ter havido mais de 1.000 meninas e adolescentes do sexo feminino que buscavam sobrevivência nas ruas e nos bordéis do Recife”. (GOMES, 1994) *apud* SAFFIOTTI, 1989)¹¹.

A prostituição infantil, em todos e qualquer cenário em que se configura, surge como uma realidade cruel com diversos matizes. Há ocasião em que a prostituição infantil se integra ao tráfico de drogas; há circunstâncias em que ela se confunde com a miséria; e ver-se-á que há casos em que seu princípio acontece dentro do próprio lar. Em alguma dessas situações, as crianças que a ela resistem têm uma história comum a contar: a história da violência.

As marcas desta violência ficam bastante visíveis nos corpos e nas mentes, mesmo para aqueles que fazem força para não ver.

⁹ Delegacia de Repressão a Crimes contra a Criança e o Adolescente - Salvador – Bahia. s/d. Disponível em: http://www.mp.ba.gov.br/eventos/2008/maio/dia_19/dercca_apresentacao.pdf. Acesso em: 15/04/08.

¹⁰ Romeu Gomes. **Prostituição infantil: uma questão de saúde pública**. 1994. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X1994000100007&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 17/04/08.

¹¹ *Ibid*

Segundo Luppi (1987, p. 77), a prostituição infantil com certeza é um dos problemas mais cruéis e comuns que está a apresentar-se a infância pobre do Brasil. De acordo com segundo o autor o contra-senso desta temática é uma das menos observadas dentro do conjunto de estudos sobre o apontamento da questão do menor.

1.4 Prostituição Infantil, Pornografia e Drogas

Para Saffioti (1989, p. 90), “há uma oposição da prostituição e da pornografia infantis. No panorama internacional, o uso de crianças neste amplo mundo industrial pornográfico já é uma realidade alarmante”.

O costume de usar droga e a prostituição infantil é o conexo por alguns autores. Este uso é citado por Vasconcelos (1991, p.64) “assim como é do feitio das meninas agüentarem a vida de rua”. Já Dimenstein (1992, p. 52) “lembra que a rede de prostituição se acasala e se atrapalha com a rede do tráfico de drogas”.

Bem como se fala em prostituição infantil, reflete na prostituição infantil feminina. Contudo, há igualmente a masculina, mas sobre esta praticamente nada se sabe. As obras alçadas sobre a temática da atual pesquisa praticamente não proporcionam documentos sobre esse fato.

Muitos autores somente sobre verificam e observam a falta de dados sobre a prostituição infantil masculina.

Principalmente sobre a prostituição infantil feminina, Saffioti (1989), em marco conceituais, lembra que há duas abordagens sobre exploração sexual: uma se confunde com a apreciação de abuso econômico; enquanto isso a outra se refere à aquisição de prazer, com perda da saúde mental de quem está sendo explorado. Entende-se que nas duas abordagens está bem clara a idéia de dominação, transcorrida pelas camadas de sexo e idade. Isso é mais bem explicado quando se começa da realidade de que a sociedade ocidental ser androcêntrica e adultocêntrica, nela virando-se visíveis o poder do homem e o poder do adulto. “Esta dupla

exploração da qual a menina-prostituta é vítima, além disso, encontra-se assinalada em outros autores”. (SANTOS, 1991, p. 58).

1.5 A Violência que Permeia a Prostituição Infantil

A violência que rodeia a prostituição infantil feminina por si só já é composta de uma demanda de saúde coletiva. Essa afirmativa se fixa numa comprovação mais ampla, componente de análise de Goldenberg *et al* (1989)¹², que observam a violência contra a mulher na sociedade brasileira.

Segundo Azevedo (1986, p. 95), “a miséria atual por trás da prostituição infantil, amortizar, por exemplo, além das categorias sócio-econômicas, avaliam outros fatores, como o acréscimo do turismo e a ideologização da infância e das sexualidades feminina e masculina”.

De acordo com Azevedo (1986, p.100) “este sistema de idéias faz com que, entre outros fatos, haja uma divinização da ninfeta”.

A miséria tem seus pontos maiores entre os inúmeros fatores mencionados pelos autores. Santos *et al.* (1990, p.97.) advertem que, em geral, a direção da menina de rua dar início na mendicância, e assim acabando passando pelas pequenas vendas nos sinais e tem como fim a prostituição.

Para Saffioti (1989, p.95), as intensas diversidades sócio-econômicas do país sempre passam a dar início ao abuso de pessoas por pessoas. Nesta conjuntura, “a criança espontaneamente se torna uma mercadoria”. De acordo com a autora citada, esta problemática passa a ser percebida nos níveis nacional e internacional.

¹² Jacob Pinheiro Goldenberg. **Olhar Masculino Perverso.** 1999. Disponível em: <http://orbita.starmedia.com/~dossiepedofilia/info01.htm>. Acesso em: 15/02/08.

De acordo com Gomes *apud* Dimenstein (1994)¹³, também fica patente a presença da miséria no cenário da prostituição de meninas escravas no Brasil. Entre suas conclusões sobre esta perversa realidade, o autor ressalta o fato de a miséria fazer com que as meninas vendam o único bem que possuem: o corpo. Outra conclusão do autor sobre o tráfico de meninas escravas, ligado ao tráfico de drogas, diz respeito à idade de ingresso na prostituição, que diminui à medida que aumenta o número de crianças que vivem na rua.

Segundo Gomes *apud* Minayo et al (1994)¹⁴, uma das conseqüências deste quadro nacional de pobreza é, sem dúvida, o chamado fenômeno de meninos e meninas de rua. Consideram que esta problemática afigura-se como um fenômeno urbano gerado pelo modelo econômico social que privilegiou a cidade sobre o campo e que, em relação à cidade, descuidou-se da criação de equipamentos de políticas sociais e de geração de renda.

Com base em Vásquez (1990, p. 130) e Minayo (1999, p. 112), percebe-se que a pobreza e a miséria podem ser estabelecidas como seqüela de uma violência lançadas por um princípio social irregular, sobre este assunto fala-se no próximo capítulo onde se deixa mais claro as idéias sobre miséria e prostituição.

1.6 Prostituição Infantil: Rentável Comércio

De acordo com Mendonça (2006)¹⁵, um fato que é incontestável é que a rede de prostituição infantil no Brasil continua sem solução, talvez isso ocorra porque este tipo de negócio transformou-se no terceiro mais rentável comércio mundial, atrás apenas da indústria de armas e do narcotráfico. Este é um daqueles temas que se houve muito, mas sabe-se pouco. Não é por menos que é o problema que vem preocupando, não só o governo brasileiro, mas também do mundo inteiro.

¹³ Romeu Gomes. **Prostituição infantil: uma questão de saúde pública**. 1994. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X1994000100007&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 17/04/08.

¹⁴ *Ibid*

¹⁵ Alessandra Mendonça. **Prostituição Infantil Terceiro Comércio mais Rentável** 2006. Disponível no site: www.ancomarcio.com/site/publicacao.php?id=17709. Acesso em: 12/04/08.

Assim como toda atividade clandestina, a prostituição infantil sucessivamente foi abafada. Na maior parte das pessoas, não sendo somente na parte dos leigos, mas também dos instruídos, crêem que os principais clientes que buscam se envolverem com menores a procura de sexo eram os turistas estrangeiros, que vem para o país e se maravilham com as mulheres seminuas que localizam nas praias e, por que não, nas ruas. Entretanto, o trabalho da polícia manifesta-se dizendo que a maioria dos clientes são brasileiros de classe média alta e ricos, empresários bem sucedidos, visivelmente bem casados e, às vezes, com filhos adultos ou crianças. Além dos empresários encontra-se também, na lista, os motoristas de caminhão e de táxis, gerentes de hotéis e até mesmo os policiais. (MENDONÇA, 2006)¹⁶.

Por outro lado, tem-se a amostra que as meninas são pobres e que residem em uma total miséria na periferia. Perante esta situação a primeira relação sexual destas meninas pode ter acontecido com o próprio pai, padrasto ou o próprio responsável por elas.

As pesquisas evidenciam que a garota até tem o domínio de agüentar por mais um período a pobreza e a miséria, entretanto o que ela acha em casa são a violência, a renúncia e a deterioração familiar. Para elas, quem sabe, pode ser mais fácil descobrir as dificuldades da prostituição nas ruas do que afrontar os distúrbios de homens, que ao oposto de dar-lhes abrigo, proteção, abusam delas sexualmente.

Na maioria das vezes a mãe não tem conhecimento do que está acontecendo ao seu redor, confiam em suas filhas achando que elas estejam trabalhando em um trabalho digno, com isso as mães não têm a mínima idéia de que suas filhas possam estar praticando programas. Mas ver-se também, outros casos onde até mesmo os próprios pais começam a induzir suas filhas a se prostituírem.

É um trabalho rentável e que gera lucro a toda família, sendo a garota a única prejudicada. Assim, as meninas prostituídas passam a apresentar numerosos transtornos orgânicos e psíquicos, como por exemplo, baixa auto-estima, fadiga, confusão de identidade, ansiedade generalizada, medo de morrer, furtos, uso de drogas, doenças venéreas, irritação na garganta e atraso no desenvolvimento. (MENDONÇA, 2006)¹⁷

¹⁶ *Ibid*

¹⁷ *Ibid*

Além da deterioração moral de toda condição humana, a onda de pedofilia está cooperando para designar uma geração mais cedo de portadores do vírus da AIDS, já que as crianças, mais frágeis fisicamente, estão tendentes a tolerar lesões durante o ato, o que promovem a infecção. Acrescentando à atitude de inferioridade, que não as dá direito de ordenar do parceiro o uso de preservativos. (MENDONÇA, 2006)¹⁸

1.7 Campanhas do Governo Contra a Prostituição Infantil

Segundo Soares (2007)¹⁹, as campanhas do governo contra a prostituição infantil não passam de simples simbologia. Tais campanhas não trazem no seu âmago perspectivas de mudanças, ou seja, de uma vida digna para crianças e adolescentes que vivem submersos num mundo de qualidade tão ruim.

Essas campanhas estão pautadas em leis cujas funções seriam moralizar e reprimir atuações exploradoras de indivíduos, entretanto, não se vê ações efetivas para sobrevivência desses jovens, há um total descaso com sua realidade social. A situação é bem mais grave do que se possa imaginar e pode ser classificada como uma tragédia social.

De acordo com Soares (2007)²⁰, um fato é incontestável, nossos jovens tornaram-se reféns de verdadeiros criminosos e não existem soluções governamentais imediatas para resolver essa situação. Seria o caso de Instituições privadas fazerem alguma coisa como: ONGS, igrejas, associações de bairros, etc.

Sabe-se que o problema está aí e todos devem ajudar de alguma forma, mas, não seria o Estado quem primeiro deveria buscar saídas?

Já que se fala em educação, por que não utilizar a Escola como um meio de ação governamental contra a prostituição infantil, já que ela é um espaço de formação e transformação de idéias, ou melhor, tem a obrigação de ser (infelizmente constata-se o oposto) e que aspira a um grande índice de jovens desse mercado (escolas públicas

¹⁸ *Ibid*

¹⁹ SOARES, Ilze. **Prostituição Infantil**. 2007. Disponível no site: <http://www.overmundo.com.br/overblog/a-prostituicao-infantil>. Acesso em: 20/02/08.

²⁰ *Ibid*

especialmente). Não podemos aceitar que a hipocrisia que rodeia essas campanhas permanece ao serem questionadas. Nunca podemos aceitar que nosso país seja manifestado e conhecido internacionalmente como um prostíbulo do ocidente, já que sabemos da grandiosidade e competência de luta do nosso povo.

O secretário enfatizou que, com os documentos conseguidos conjuntamente pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e a Universidade de Brasília, o governo poderá dar início a uma política adaptada para afrontar com esse problema. O que carece ter no Brasil é o conhecimento de onde estão e quantos são os municípios onde essa dificuldade é mais preocupante, só assim poderemos desempenhar as ações indispensáveis, observou.

No segundo capítulo será abordado o tema Prostituição infantil: miséria e pobreza. Veremos que muitos autores afirmam que a prostituição e a pobreza caminham juntinhas.

2 PROSTITUIÇÃO INFANTIL: MISÉRIA E POBREZA

Neste capítulo iremos estudar sobre a relação da prostituição infantil com a miséria e a pobreza. Existem muitos autores que afirmam que a prostituição e a pobreza caminham muito próximas. Dimenstein (1993) assegura que a família cabe o dever de criar e educar os filhos. Veremos que a pobreza não tira os direitos dessas crianças e a ignorância não lhes desobriga dos deveres.

2.1 Exploração e Prostituição Infantil

De acordo com Mello (2007)²¹ a prostituição infantil tem sido disseminada de uma maneira alarmante no Brasil e em outros países. Há pelo menos 500 mil crianças no Brasil sendo exploradas sexualmente, muitas deixam-se seduzir pelo dinheiro, outras pela pobreza. Crianças com nove, dez anos, trocam um momento de sexo por um prato de comida, ou um dinheiro miserável que esses exploradores fornecem. Meninas que trabalham de três a quatro horas, com mais de cinco parceiros por dia, sendo expostas a qualquer tipo de doenças sexualmente transmissíveis, entre elas, a AIDS.

O maior problema, em seu ponto de vista, é que existem pessoas que praticam esses atos inescrupulosos. Sanar os problemas da miséria, educação para esses pequenos, é de suma importância, conscientizá-los é imprescindível, mas e os autores desses abusos? Essas mães que se calam diante dos fatos porque o marido sustenta a casa? (MELO, 2007)²².

No Brasil existe pobreza, mas isso só não explica o problema da prostituição infantil. (GONNERMAN, 2008)²³.

²¹ Michelle Marques de Mello. **A Prostituição Infantil**. 2007. Disponível em: <http://trabalhoinfantilm.blogspot.com/2007/05/prostituio-infantil.html>. Acesso em: 11/05/08.

²² *Ibid*

²³ Adam Gonnerman. Disponível em: <http://igneousquill.blogspot.com/2008/04/prostituio-infantil-e-obra-da-igreja-no.html>. Acesso em: 15/05/08.

De acordo com Alves Filho (2005)²⁴ *apud* Matos e Ruiz, alunos da Unicamp (2005), os depoimentos dos meninos e meninas vítimas de exploração sexual têm vários pontos em comum. A começar pela trajetória de vida deles. A maioria esmagadora abandonou a escola e vem de famílias desestruturadas. Boa parte sofreu abuso sexual antes de ser empurrada para a prostituição.

Segundo Alves Filho (2005) *apud* Josely (2005)²⁵, nesse aspecto, tanto os cineastas quanto Josely fazem uma observação. De acordo com eles, quando se trata de prostituição infanto-juvenil não se pode usar o verbo optar.

Há crianças de 9, 10, 11 anos que se prostituem para assegurar a própria sobrevivência. Não é possível dizer que uma menina ou menino nessa faixa etária tenha se decidido por essa vida. Ele ou ela certamente foi forçado a isso, o que constitui uma exploração, esclarece a enfermeira sanitária, que respondeu pela coordenação do projeto. (ALVES FILHO, 2005 *apud* JOSELY, 2005)²⁶.

Segundo Alves Filho *apud* Ruiz (2005)²⁷ diz ter percebido um aspecto importante em relação à questão da exploração sexual infanto-juvenil. Ela afirma que o abuso sexual não tem classe social, ou seja, ocorre tanto com crianças de famílias ricas quanto pobres. “Mas a exploração sexual acontece predominantemente com os jovens vindos de famílias de baixa renda”, analisa. Questionadas sobre seus sonhos, as vítimas desse tipo de violência declaram ao longo do documentário que anseiam ascender socialmente. Muitas meninas cultivam o desejo de tornarem-se modelos e usarem roupas de grife. Como boa parte vive nas ruas, várias esperam encontrar um lugar decente para morar.

O curioso é que a perspectiva de se ter um lar não tem basicamente afinidade com a composição de uma família. Uma das observações fica por conta de uma menina, que declarou o mais espantoso julgamento dos cineastas. Ela respondeu da seguinte forma à

²⁴Manoel Alves Filho. **Na rota da prostituição infantil**. 2005. Disponível em: http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/agosto2005/ju299pag12.html. Acesso em: 21/05/08.

²⁵ *Ibid*

²⁶ *Ibid*

²⁷ *Ibid*

pergunta sobre onde ela gostaria de chegar: Espero voltar para perto de minha mãe. (ALVES FILHO, 2005)²⁸.

2.1 Crianças e Adolescentes não se Prostituem

Crianças e adolescentes não se prostituem, são explorados sexualmente. A prostituição é exercida por pessoas adultas. Sua prática implica certo grau de conhecimento, autonomia e capacidade de decisão ainda que pressionada por fatores socioeconômicos. A exploração sexual de crianças e adolescentes ocorrem num contexto que alia exclusão social, dominação da mulher pelo homem, preconceito racial, opressão de idade e vínculos de parentesco e/ ou responsabilidade. (AMORIM, 2008)²⁹.

De acordo com o site Sociologia Jurídica e Violência Infantil (2006)³⁰, crianças não se prostituem; crianças são prostituídas pela sociedade, pela pobreza dos seus pais, pela herança de violência doméstica, pela impunidade que campeia na legislação penal e nos tribunais Brasileiros. É cada vez menor a idade das crianças exploradas, entre sete e dez anos. A exploração sexual de crianças e adolescentes é uma das piores formas de violação de direitos humanos.

Segundo Amorim (2008)³¹, muita gente considera grave o problema, mas por outro lado acha que é inevitável. Entram agora, a questão cultural, as relações culturais. Ricos e pobres; negros e brancos. Essa questão cultural é a mais difícil de ser vencida.

Jovens que sofrem com a fome, a miséria, a violência e o abuso sexual estarão a centenas de quilômetros de casa. E em breve, esses meninos e meninas estarão se prostituindo por um prato de comida ou um saco de biscoito (AMORIM, 2008)³².

²⁸ *Ibid*

²⁹ Larissa Amorim. **Prostituição Infantil**. Disponível em: http://www.periodicoedireito.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=240&Itemid=31. Acesso em: 22/05/08

³⁰ Sociologia Jurídica e Violência Infantil. Disponível no site: http://sjtiopet.blogspot.com/2006/06/artigo_final.html. Acesso em: 23/05/08.

³¹ *Ibid*

³² *Ibid*

Um exemplo incontestável, de ajuda, tem sido o da Petrobrás que vem investindo seriamente em diversas ações para eliminar o problema da prostituição infanto-juvenil no Brasil. Uma das fundações acolhidas pela imprensa é o Fundo da Infância e da Adolescência. (AMORIM, 2008)³³.

Se o Brasil praticasse uma corrente para interromper esse problema social, gradualmente não necessitaríamos de nos preocupar com a altura da proporção da violência em nosso país. Se os nossos governantes enxergassem um pouco para esse pretexto, quem sabe o nosso Brasil abandonaria a prostituição, assim pudesse viver livre, sem medo de vencer.

2.2 Desigualdade Socioeconômica

Segundo Sales (s/d)³⁴ temos ouvido muitas denúncias do ministério público sobre o problema da prostituição infantil e dos corruptores adultos de menores. Qual a origem social deste fato?

Em parte a desigualdade socioeconômica de nosso país, oriunda também de uma desigualdade socioeconômica globalizada. Isso dá origem a países ricos e pobres, a famílias ricas e pobres, e juntando a tudo isso nós temos uma mídia que bombardeia seus ouvintes juvenis com a seguinte idéia: “para você ser aceito pelo grupo você precisa ter, levando a um desejo consumista desenfreado”. (SALES, s/d)³⁵.

Este aspecto social leva os jovens a buscarem meios mais rápidos de ter o que tanto seus olhos almejam. Para se combater a prostituição infantil, os órgãos públicos deveriam realmente se empenhar em combater a pobreza, buscando meios de levar a nação a uma situação socioeconômica equilibrada, mesmo que no mundo globalizado isto seja uma utopia, devido aos interesses das grandes nações.

³³ *Ibid*

³⁴ Gilberto Sales. **Prostituição Infantil**. s/d. Disponível em: http://www.luz.eti.br/cr_prostituicaoinfantil.html. Acesso em: 02/06/08.

³⁵ *Ibid*

Perante essa representação socioeconômica arruinada, aparecem àquelas pessoas que se aproveitam da situação restringindo de outros, até mesmo jovens meninas e meninos; propondo-se a ajudar, mas, solicitando alguma coisa em troca, e com certeza seria o sexo.

Sales (s/d)³⁶ acrescenta dizendo que toda a sociedade pode cooperar para minimizar o problema da prostituição infantil, cada um fazendo a sua parte. Políticos, com políticas realmente públicas, maridos fiéis aos seus cônjuges é uma ação social, desinteressada para os reais carentes. Como também a conscientização do jovem da importância e da valorização do trabalho como meio de realização de projetos pessoais.

2.3 Estados onde o Problema é mais Grave

O Brasil, pela suas gigantescas áreas, colabora com várias dimensões para a prostituição, desvelando características regionais próprias e muito marcantes.

Gomes (1996, p. 198) descreve que “a região Norte por ser caracterizado pelo campo de garimpo, abriga o mais desumano das crueldades, em que se convive com uma extrema violência em convivência e eliminação”, podendo assim as instituições assumir “[...] diferentes atitudes: ou denunciam, ou se omitem, ou se corrompem, ou ainda, ficam paralisadas pela impotência”.

A região Centro-Oeste pela sua imediação mostra-se bem pronunciada com a região Norte, beneficiando o aliciamento de mulheres e meninas de Cuiabá e Goiânia com propostas de trabalho em lojas ou como garçonetes nos garimpos de Itaituba no Pará, onde se aperfeiçoam sendo mantidas em cativeiro com a intenção de exercer a prostituição.

“Ver-se que os gigantescos centros urbanos, como Brasília, a prostituição sempre aparece tanto pelo requinte em hotéis para hóspedes importantes, como na rua com meninas sendo exploradas sexualmente até por policiais”. (GOMES, 1996, p. 199).

³⁶ *Ibid*

No Nordeste, em específico em São Luís, capital portuária do estado do Maranhão, é noticiado por Lopes *et al*, (s/d)³⁷, no jornal “O Estado do Maranhão”, denúncias de exploração sexual pelas próprias adolescentes que descrevem as aventuras, sonhos e decepção a bordo de navios estrangeiros.

Existem ainda, relatos daquelas que vivem ou viveram grandes amores, até mesmo com promessas de casamento fora do país. Uma garota de programa na idade de 19 anos informa que começou a fazer programa com tripulantes de navios estrangeiros aos 15 anos. (LOPES, et al , S/D)³⁸

Nos bastidores dessa denúncia da rede de prostituição, estão os lancheiros que induz e levam essas garotas até os navios e onde recebem uma boa quantia pelo serviço efetuado, e conforme a denúncia “os lancheiros estariam deixando de levar as antigas clientes para levar menores que agradariam muito mais os tripulantes dos navios” (BOTELHO, 2003, *apud* ALVES, 1993)³⁹.

Com efeito, encontramos uma rede de exploração sexual muito bem articulada, que cada vez mais aspiram por adolescentes com idades cada vez menores, o que faz com que o problema seja velado de tal forma que dificulta possíveis investigações e o rompimento dessas atividades.

Na região Sul, em Porto Alegre, Gomes (1996, p.201) cita que “existem gangues e quadrilhas especializadas em traficar e prostituir meninas”, inclusive sendo acobertadas por policiais, mantendo-as em cárcere privado em hotéis situados no centro da cidade. Outra característica acentuada da prostituição se revela por anúncios de rádio para trabalhos domésticos e tentadoras promessas de que terão televisão em cores e poderão estudar.

Na rota até a região Sudeste, Gomes (1996) enfatiza em específico no Rio de Janeiro, dois aspectos relevantes:

³⁷ Roberta Lopes **Exploração sexual feminina de adolescentes**. s/d. Disponível em: <http://200.222.60.171/PDF/exploracao%20sexual%20feminina%20de%20adolescentes.pdf>. Acesso em: 03/06/08.

³⁸ *Ibid*

³⁹ Stella Maris Nogueira Botelho. **Prostituição de Adolescentes: Uma Imagem Construída na Adversidade da Sociedade**. 2003. In: S. Santos. **Prostituição e sonhos em alto mar**. O Estado do Maranhão. São Luís, 15 abr, Caderno Cidade, esporte e estado, 2001. Disponível em: <http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/Ssaude/principal/acervo/Prostit-Adoles.pdf>. Acesso em: 13/06/08.

O primeiro diz respeito a pouca visibilidade do problema da prostituição infantil feminina. O depoimento de um representante do IBISS (Instituto Brasileiro de Inovações em Saúde Pública) que apresenta poucos dados sobre o assunto, em termos verbais, por receio de ameaças. “Fica claro que não é fácil divulgar publicamente dados em relação à prostituição infantil, por se tratar de uma rede muito grande, frente à qual as organizações são pequenas”. [...] “O segundo aspecto a ser destacado sobre a cidade do Rio de Janeiro,... diz respeito à visibilidade com que aparece a prostituição infanto-juvenil masculina” (GOMES, 1996, p. 203).

No acatamento de São Paulo, ainda o autor dá ostentação à “declaração de uma menina que sempre vive na rua, a qual batalha pela vida, assinalada, doente e criminalizada, acaba vendendo seu corpo” (GOMES, 1996, p.205).

Segue referindo-se aos casos de meninas que convivem na rua ao lado de marginais, suportando violências sexuais, sobretudo por parte de policiais, assim sendo como de cafetões e cafetinas. Assim como não poderia deixar de ser, o uso de drogas é sempre corriqueiro em seus relatos, bem como os traficantes as usarem para atravessar as drogas aos clientes.

Torres, (*et al*, 1999, p. 137), referem-se à prostituição, focalizando seus motivos e perspectivas de futuro em um grupo de jovens, em que os resultados evidenciaram como motivo fundamental a ausência de condições financeiras e, como aspirações para um futuro mais perfeito e assim abandonar a prostituição, trabalhar e terem uma profissão e uma vida digna.

Após chegar ao fim do segundo capítulo pode-se concluir que no Brasil, a pobreza, é conectada aos modelos econômicos de um país em desenvolvimento, mas em procedimento inegotável de empobrecimento instigado por certas crises, instituiu uma sociedade com péssimo indicador sócio-econômicos, os quais vão adequar a essas crianças e adolescentes a alternativa pela prostituição.

No terceiro capítulo estudaremos sobre “Adolescência: Risco, Vulnerabilidade e Resiliência”, resilientes entende-se que são aqueles que têm capacidade de vencer as dificuldades, os obstáculos, por mais fortes e traumáticos que eles sejam, e assim, veremos que adolescência, além de ser uma etapa de estruturação para a vida adulta, ao mesmo tempo suportam controle de experiências das fases anteriores, implicando na importância da

conjuntura cultural e social que cada um vive, necessitando ser considerada uma fase determinante e relativamente ampla no procedimento de crescimento e desenvolvimento fortemente marcados por intensas transformações biológicas, psicológicas e emocionais.

3 ADOLESCÊNCIA: RISCO, VULNERABILIDADE E RESILIÊNCIA

Este capítulo tem como meta discorrer sobre adolescência: riscos, vulnerabilidade e resiliência. Ver-se que além da Adolescência ser um passo de estruturação para a vida adulta, também sofre influências de experiências das fases anteriores, conseqüências do contexto cultural e social que cada um vive devendo ser analisada uma fase determinante e relativamente extensa no processo de crescimento e desenvolvimento fortemente marcados por profundas transformações biológicas, psicológicas e emocionais.

3.1 Fatores que Prejudicam Lentamente a Personalidade do Adolescente

O contato com populações que vivem sob condições precárias de saúde e segurança, expostas a situação de risco pessoal e social, tem despertado o interesse por pesquisas que focalizam problemas sociais e a maneira como as crianças se desenvolvem nesse contexto. Estes estudos estão inseridos num novo paradigma da Psicologia do Desenvolvimento, que retoma a importância do ambiente e do indivíduo em interação na análise do processo dinâmico de adaptação psicológica. (GARCIA, 2001 *apud* JESSOR, 1993)⁴⁰.

Segundo Garcia (2001) *apud* Zimmerman (1997)⁴¹, muitas crianças em nossa sociedade têm sido vítimas das mais diferentes formas de violência. A violência doméstica e urbana, assim como os maus tratos e os abusos sexuais caracterizam-se por experiências que ocasionam acúmulo de fatores de riscos que prejudicam lentamente a personalidade do sujeito.

Recentemente uma pesquisa mostrou como e por que algumas crianças expostas a essas experiências se desenvolvem adequadamente e tornam-se adultos saudáveis. Essas

⁴⁰ Isadora Garcia. **Vulnerabilidade e resiliência**. 2001. In: Richard Jessor. **Desenvolvimento adolescente sucesso entre os jovens de alto risco definições**. American Psychologist, 1993. Disponível em: http://ral-adolec.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1414-71302001000300004&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 23/06/08.

⁴¹ *Ibid.* In: David Zimmerman. **Como trabalhamos com Grupos**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.

crianças, que tiveram força para enfrentar as dificuldades do ambiente e responderam a desafios cancelando o impacto negativo dos riscos, são chamadas resilientes. (GARCIA, 2001)⁴²

De acordo com Lopes (2007)⁴³, os resilientes são aqueles que são capazes de vencer as dificuldades, os obstáculos, por mais fortes e traumáticos que elas sejam. A resiliência pode ser entendida como a capacidade dos indivíduos de superar os fatores de risco aos quais são expostos, aumentando seus comportamentos adaptativos e ajustados. Crianças resilientes são aquelas que não se desviam exclusivamente dos efeitos negativos associados aos fatores de risco, mas que desenvolvem competência social, acadêmica e vocacional.

Essas crianças mostram um gênio mais maleável, uma ponderação de que são capazes de transformar seu ambiente e confiam que as novas circunstâncias ou mudanças concebem uma oportunidade para aperfeiçoarem e se adaptarem, ao oposto de perderem a esperança e perspectiva. “Outros adotam esse marco, pois ser resiliente submerge, também, encarar dor, sofrimento e exalar mão de esforço pessoal”. (MELILO & OJEDA, 2006, p. 80).

3.2 Desenvolvimento Biológico e Psicoemocional

Segundo Saito (2001, p. 33-38) a adolescência surge exatamente como consequência da influência mútua e constante do processo de desenvolvimento biológico e psicoemocional e que são essenciais ao contexto socioeconômico atual, relevando normas e valores no interior de culturas específicas. O adolescente apresenta transformações no corpo e na identidade, e modificações em suas relações com os pais, familiares e o mundo. Todo esse procedimento vem acompanhado por um momento carregado de insatisfações, confusões e contradições, e a fim de segurar uma intensa luta em seu interior e exterior pela procura de uma nova identidade.

De acordo com Rosenthal & Knobel (1991, p. 93), descrevem sobre a elaboração dos três lutos, de acordo com Aberastury: “aflição pelo corpo infantil (transformações corporais com compaixão de impotência frente à realidade mais sólida), pela identificação e

⁴² *Ibid*

⁴³ Cleber Lopes. **Sendo Resiliente**. 2007. Disponível em: <http://www.portalmaratimba.com/noticias/news.php?codnot=214553>. Acesso em: 12/06/08.

pelo papel infantil (prejuízo do pensamento infantil com investigação incessante por uma identidade), e pelos pais da infância (renúncia da relação de atrelamento infantil pelos pais)”.

Todo esse procedimento é vagaroso e nem as transformações da adolescência e o seu meio social tem a capacidade de acelerá-lo. Conseqüentemente, a preparação desses lutos deve ser extremamente bem assimilada, no formato a contribuir harmoniosamente por esse rito de caminho nesse longo procedimento, em que, a família, a comunidade e a escola têm a obrigação de se portar satisfatoriamente na interação dos múltiplos fatores protetores que podem desencadear. Na probabilidade desses elementos poderem interagir negativamente nesse procedimento, entenderemos então, que os fatores de risco se afluando, propiciando comportamentos e atitudes que irão originar uma maior vulnerabilidade as ocorrências adversas.

“Por ocorrência o indivíduo seja chamado a admitir uma identidade adulta de um modo precoce, ele conhecerá esse procedimento ainda mais assustador e conflitivo do que já é”. (ABERASTURY & KNOBEL, 1992, 123).

Acredita-se que quando se trata de adolescentes exploradas sexualmente ou prostituídas, haverá uma implicação de decadência física e psicológica, afetando e rompendo com sua individualidade e integridade moral no processo de crescimento e desenvolvimento natural.

Nessa atual situação, esses indivíduos vão deixando sua autonomia, o direito sobre seu corpo e seu destino (como mercadoria/valor de uso), por isso que passam destruindo e aniquilando-as toda afinidade de proteção e de direito individual e coletivo (fatores protetores), aparecendo nesse panorama a presença de fatores de risco constitutivo no procedimento de construção de uma identidade adequada.

Para verificar essa situação, apresenta-se uma citação de Campos & Faleiros (2000, p. 47), para o abuso sexual, que bem se adéqua ao tecer as conseqüências para o desenvolver dessas adolescentes: [...] “se menciona a uma situação que desfigura seu processo de ampliação psicossocial partindo do uso genital de seu corpo, e da agressão de uma condição de indefeso” [...].

Entretanto, fazer parte, nesse momento, de uma seqüência de situações que são traumáticas, pode ocasionar amplas e turbulentas seqüelas para a idade adulta. Sabe-se que o desenvolvimento da sexualidade começa na infância, e Monesi (1993, p. 99), admiti isso ao proclamar que a curiosidade sexual nasce nessa fase, estimulando para as primeiras desvendadas sobre o sexo.

Trata-se de um período em que todos os segmentos da sociedade têm conhecimento e participação ativa, seja na convivência familiar, na escola, com professores e amigos, ou seja, na junção com trocas afetivas. O namoro, por exemplo, tem a capacidade de ter seu valor estimado, pode estar sujeito a como foram sentidas as vivências posteriores e a maneira do adolescente expressar a sua sexualidade pode se dar de diferentes formas, em que os primeiros contatos poderão ser frustrantes, com a presença ou não do amor para a acessão do ato sexual. (LOPES *et al*, 2007 *apud* BOTELHO, s/d)⁴⁴

Percebe-se, então, que os conflitos sexuais da adolescência não são tão facilmente superados, podendo durar, às vezes, a vida toda, mostrando que o fato de ultrapassar essas confusões poderá levar o adolescente a desfazer dúvidas que até então, encontravam-se confusas.

3.3 Qualquer Lugar é um Espaço para se Educar Sexualmente

De acordo com Ribeiro (1993, p. 190), “qualquer lugar é um espaço para se educar sexualmente uma pessoa”. E, complementando tal raciocínio, acrescenta-se que basta olhar os adolescentes como ser que são e compreendê-los para estabelecermos o vínculo afetivo e de confiança tão necessários em tal intervenção.

Segundo Tozzi (1996, p.25), com o advento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), a exploração sexual de adolescentes e a prostituição em geral passam a ser um alvo bem mais vulnerável à infecção pelo Vírus de Imunodeficiência Humana (HIV), avaliadas como parte populacional de risco ocorrido, tanto no emprego de fatores bio-

⁴⁴ *Ibid*

fisiológicos, quão de fatores sociais. Todas as Doenças que podem ser sexualmente transmissíveis (DSTs) passaram a ser um risco ocupacional para quem o sexo se implanta em sua matéria-prima do trabalho, confirmando a precisão de medidas de preservação que avaliam os profissionais do sexo como pessoas ativos de sua saúde, com o poder de criar a partir de táticas bem apresentadas e consolidadas a adoção de conduta protetora, encurtando as ocorrências de ousadia e vulnerabilidade.

Como consequência, discorrer de vulnerabilidade de adolescentes sendo abusadas sexualmente nos remete a refletir que a qualidade mínima necessária para que elas se abriguem dessa infelicidade é tornando-se indivíduos de sua própria saúde, com comportamentos protetores não unicamente fundamentado nos aspectos biológicos como ao mesmo tempo nos aspectos culturais e sociais. E é essa característica social e cultural que permiti torná-las aptas às desventuras da vida, se não forem resgatadas, mas se ocorrer o oposto, poderá torná-las sensíveis às probabilidades de superação e modificação dessa sensibilidade. (CAMPOS, 2000, p.66).

De acordo com Campos (2000, p. 67), “ao discorrer sobre adolescentes sendo exploradas sexualmente, percebe-se, então, que essa vulnerabilidade e suscetibilidade se deparam como inseparável em tais condições, sobrando a essas uma consolidação das circunstâncias de risco biológico, emocional/afetivo e social”.

3.4 Vulnerabilidade

A noção de vulnerabilidade avaliada por Ayres (1996, p. 18), é comprovada em três planos analíticos fundamentais: “o individual, o social e o programático ou institucional que procuram constituir uma abreviação conceitual e prática das dimensões sociais, político-institucionais e comportamentais agregadas às diversas suscetibilidades das pessoas e grupos populacionais”.

No plano inicial, o individual, a vulnerabilidade oferece por meio de comportamentos causadores da chance de infectar-se e/ou adoecer, não decorrente de uma obra voluntária, mas catalogados às categorias do meio em que se dão esses procedimentos, do grau de acordo

desses procedimentos e condições, e o poder de modificar-se nesses comportamentos a partir dessa consciência.

O segundo plano o da vulnerabilidade social considera o acesso à informação e aos serviços de saúde que tem o grupo social em questão; os números epidemiológicos, a circunstância da mulher com advertência no aprendizado da cidadania pelos aspectos diferenciais da afinidade de gênero que fortifica o poder dos homens, os gastos governamentais com a saúde, políticas sociais e a qualidade do bem-estar social como habitação, infra-estrutura, nível de escolarização, etc.

O terceiro plano nos diz os atos institucionais, confirmando o acordo pelo domínio das autoridades federais, estaduais e municipais, aprovando o planejamento e execução das ações com assiduidade, qualidade, avaliação e retro alimentação desses atos.

Concluindo, ver-se que as vulnerabilidades não se restringiram exclusivamente ao indivíduo, carecendo ao mesmo tempo ser analisadas as espécies externas sociais, culturais, familiares, educativas entre muitas outras.

Dessa forma, percorre que a noção de risco está fortemente relacionada à noção de vulnerabilidade, em que a ousadia para as adolescentes que estão sendo abusadas sexualmente não surge somente sob o modelo biomédico, mostrando uma extremidade de conexão direta e indireta os emocionais/afetivos, sociais, culturais, políticos e institucionais. Por conseguinte, acrescenta-se que a consideração de vulnerabilidade não necessita ser sobreposto no lugar de risco.

Segundo Saito (2001, p. 35), “o risco agrega o julgamento de vulnerabilidade à probabilidade de agravo ou resultado indesejado, e que respectivamente aparece o conceito de fator protetor”.

A autora inclui alguns fatores de risco e amparo que podem estar presentes.

Neles próprios, por meio de mecanismos embora não completamente esclarecidos e acoplados à singularidade de cada etapa e de cada um; na família, alvo focal, adequado para diminuir o impacto de condições tormentoso e na sociedade, dentro dos mais diversos grupos identificados:

escola trabalho, nas áreas da saúde, de condição socioeconômico, de cultura e políticas governamentais. (SAITO, 2001, p. 35).

3.5 Fatores de Risco e Proteção

Com clareza, verifica-se que fatores de risco e proteção não podem seguir um raciocínio linear com fatos ou episódios estáticos, pois “riscos são flutuantes na história dos indivíduos, transformando de acordo com as circunstâncias vividas e sentidas por cada um, em seu dia-a-dia e na comunidade a que pertence”. (GARCIA, 2001, p.128).

Portanto, como analisado antes, esses aspectos podem colaborar de caráter positivo ou negativo com esse procedimento, e as famílias das adolescentes fixadas na prostituição podem distinguir-se pela fragilidade de suas semelhanças interpessoais, desestruturação de um ou mais de seus componentes ou até mesmo pelo aspecto da violência intrafamiliar, motivando uma rede de fatos e reações em cadeia como uma baixa condição de auto-estima, fuga escolar, admissão em grupos com condutas de risco e carência de projetos de vida.

Sendo assim, na sociedade e comunidade múltiplos equipamentos sociais, de instrução e saúde que tem a capacidade, bem como existentes, a não responder e se levar insatisfatoriamente na frente a estas situações.

Segundo Minayo (1999, p. 269), “colocam-se em pauta questões relativas à adoção de mecanismos protetores e consideram ser necessária a sua apresentação a todo o momento, por estar estimulando o aumento desses procedimentos e condutas de proteção, ainda diante de circunstâncias adversas em que vivem e/ou sobreviver às populações que estão mais expostas aos riscos pessoais e coletivos”.

De acordo Yunes & Szymanski (2001), “fatores de amparo fazer referência ao controle que modificam, melhoram ou desfiguram as respostas pessoais a determinados riscos de não estarem adaptados”, e conclui dizendo que [...] seu desempenho é o de transformar a resposta do indivíduo em circunstância adversa mais do que beneficiar espontaneamente o desenvolvimento normal.

Ao caracterizar um conjunto de experiências agregadas ao acúmulo de fatores de risco que pausadamente prejudicam a originalidade do sujeito e que hoje em dia, pesquisas têm buscado entender como e por que algumas crianças expostas a essas experiências se desenvolvem adequadamente e acabam se tornando adultos saudáveis. A essa classe de localizar algumas formas para afrontar as dificuldades e desafios a qual chamamos de resiliência, “que pode ser percebidas como a aptidão dos indivíduos de ultrapassar os fatores de risco aos quais mostrar-se, a desenvolver comportamentos adaptativos e apropriados”. (GARCIA, 2001, p.128).

Para Yunes & Szymanski, (2001), a gravidade de clarificar a agregação entre risco e resiliência, analisando três pontos nessa relação:

Ao dar início ao lugar, a resiliência não está no acontecimento de se impedir experiências de risco e proporcionar características saudáveis ou ter bons experimentos; em segundo lugar, os fatores de risco devem atuar de diferentes atitudes em diferentes períodos de desenvolvimento. E, em terceiro lugar, é indispensável focar mecanismos de risco e não fatores de risco, pois o que é imponderação numa causa pode ser proteção em outra”. (YUNES & SZYMANSKI, 2001).

Conseqüentemente, não podemos incidir no erro de ponderar eventos destacados como fatores de risco, aplicando à pena a qualidade de adversidade, como se esta também tem o domínio de ser encarada pelo unívoco.

Portanto, nos remetemos a Yunes & Szymanski (2001, p. 27), em que: “um julgamento ponderado dos processos ou mecanismos de risco parece indispensável para que se possa ter o tamanho da diversidade de respostas que podem ser notadas, especialmente quando se aborda riscos psicossociais ou riscos socioculturais”.

Segundo Yunes & Szymanski, (2001), resiliência é o procedimento término de processos de assistência que não extinguem o risco, mas encorajam o sujeito a se engajar na circunstância de risco efetivamente.

Ao aproximar-se da opinião de resiliência, Lindström (2001, p.133) esclarece sua procedência na Psicologia e na Sociologia (salutogênese)⁴⁵, avaliando e comparando que tanto um como o outro buscam investigar como as pessoas administram suas vidas ainda em condições de vidas adversas. Em seguida, enfatiza que as nossas informações não são exclusivas, talvez seja mais formidável mudar algumas das espécies principais para as injustiças da sociedade, o que consentia que adolescentes sensíveis pudessem desenvolver inteiramente suas potencialidades.

Segundo Lindström (2001, p. 134), avalia diversas abordagens à resiliência. Nas Ciências Sociais, as crianças, os adolescentes e os indivíduos jovens são administradores cuja vivência insere-se numa composição da realidade viva do indivíduo, de dimensões física, mental, social e espiritual. Necessitamos perceber como esses autores atingem a realidade e de que forma constituem a interação e a relação eficaz entre eles e toda a estrutura em que estão fixados (na extensão física, cultural e espiritual).

3.6 Laços de Afetividade

Insere-se, nessa situação, que a ligação de afetividade e apego de um determinado familiar, amigo ou mesmo um conhecido, servem de ajuda e base não só para o enfrentamento das adversidades, do mesmo modo de estímulo para a preparação de projetos de vida, nem que seja em curto prazo, mas que não deixem de existir. Ter alguma pessoa junto é fazer diferença na sua história.

Segundo Lindström (2001, p. 134), “um desenvolvimento que seja bem-sucedido é um assunto de achar maneiras adequadas de administrar a vida dentro do ambiente, de modo que o agente possa alcançar suas metas de vida”.

Na Psicologia, a ostentação recai nos fatores que estão relacionados com o próprio indivíduo e que o espaço onde vivem também se insere nessa situação, em que resistência às

⁴⁵ Wikipédia, a enciclopédia livre. O paradigma salutogênico emerge progressivamente como uma proposta fundamental na abordagem da saúde, fruto do desenvolvimento simultâneo de vários constructos (por vezes até de uma maneira independente). 1998. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Salutog%C3%A9nese>. Acesso em: 03/09/08.

adversidades não é uma característica estável. Assim surge “[...] os chamados fatores benfeitores, ou seja, fatores que transformam ou alteram a resposta de uma pessoa a um perigo ambiental” (LINDSTRÖM, 2001, p.135).

Para completar esse entendimento, Munist (1998, p. 14), descreve que resiliência “jamais deve ser analisada como uma capacidade estática, podendo modificar através do tempo e da ocasião. [...], a apreciação deve ser desenvolvida para o entendimento da influência mútua que se processa com as modificáveis sociais e comunitárias”.

Afinal, Lindström (2001, p. 135), assegura que esses exemplos “não fazem adolescentes perfeitos, apenas adolescentes apropriados a lidar com a condição de vida difícil”.

Nessa apreciação, consideram-se três extensões essenciais ao conceito de resiliência: comportamentais, familiares e sociais. Deste modo, essas dimensões não precisam ser analisadas solitariamente, pois todas elas se implantam no processo da resiliência.

Desenvolver o conceito de resiliência compartilha com Munist (1998, p. 178) o qual criou um modelo apto a caracterizar o aspecto da resiliência através das expressões: “Eu tenho, Eu sou, Eu estou, Eu posso”. Essas atribuições não basicamente deverão agir ao mesmo tempo e a todo instante, mas podem ser percebidas e entendidas.

“Presenciar fatores de risco na situação em que vivem as adolescentes podem torná-las mais vulneráveis e assim, pode aumentar a probabilidade de fracasso na ausência de risco, quando não são estimuladas e incentivadas a ter comportamentos resilientes”. (SOUZA, 2001, p. 217).

Em síntese, observa-se neste capítulo que as adolescentes expostas às diversas situações em que vários mecanismos de risco estão atuando como na exploração sexual, e assim mesmo ainda podem ser avaliadas em um segmento da população de grande vulnerabilidade, porquanto na própria prostituição, depara-se com diversas situações de risco, agindo simultaneamente em diversas dimensões.

Perante essa situação, devem-se apresentar estratégias que promovam e fortaleçam o aumento da resiliência em adolescentes com a finalidade de proporcionar melhor qualidade de vida, conscientização da gravidade do autocuidado e o respeito integral por si mesmo, podendo os agravos serem amortizados, evitados ou superados.

No próximo capítulo discorreremos sobre a prostituição na adolescência: interfaces com a instituição familiar, onde será abordado o assunto muito discutido hoje em dia e não poderia deixar de falar sobre ele, a pedofilia, e será finalizado com as reais conseqüências da internet na vida das crianças e dos adolescentes, que hoje é o maior comunicador existente no mundo, o qual acaba levando nossas crianças à prostituição e abrindo as portas para a pedofilia.

IV - A PROSTITUIÇÃO NA ADOLESCÊNCIA: INTERFACES COM A INSTITUIÇÃO FAMILIAR

Neste capítulo fala-se da prostituição na adolescência, e suas interfaces com a instituição familiar, tendo como objetivo principal a pedofilia sendo umas das principais causas de exploração nos dias atuais, o qual contribuem para o ingresso da criança e do adolescente na prostituição e qual o conhecimento da família em todo esse procedimento.

4.1 Universo da Prostituição

Ao chegar ao mundo da prostituição, têm-se conhecer suas múltiplas facetas e a variedade de fatores que podem colaborar para a sua legalidade em toda a sociedade. Muitos questionamentos fizeram parte das aflições incluídas à temática, como também os pretextos que colaboram para o acesso do adolescente na prostituição e qual a informação da família em todo esse processo.

As idéias que se propõe a alcançar são preliminares, e, portanto sem a intenção de lançar uma análise conclusiva com semelhança ao assunto. No entanto apontam-se algumas questões que são fundamentais, de tal forma a aumentar os horizontes na procura da compreensão do fenômeno da exploração sexual feminina de adolescentes e suas interfaces com a instituição familiar.

Segundo Silveira (2002, p. 220) “no círculo a essas relações conflituosas, crianças e adolescentes que sofrem com carência de estímulos que poderiam estruturar os alicerces seguros para o desenvolvimento cognitivo, emocionais e sociais”.

Para as adolescentes exploradas sexualmente, essa situação começa a marcar uma ordem natural das coisas, em que parecem acolher com paciência essa condição. Ficar sem o amparo, o afeto da família e de suas relações pode propiciar afinidades de domínio sobre esses atores, que nesse período se apresentam frágeis e sem condições de protesto ou até

mesmo apresentar resistência na troca pelo calor do abrigo que está sendo oferecido a ele, e que tanto procuram e necessitam.

As famílias têm uma história, deste modo, não apareceram do vazio e sim estão proferidas à história social e econômica do ambiente e da época em que vivem facilitando e compreendendo a sua dinâmica, a conduta e atitudes diante da vida, dos filhos, dos relacionamentos e das confusões que apresentam a todo o momento.

Segundo Bilac (1995, p. 43), ao falar das teorias da família, “no alcance que adotam seus costumes de criação mediadora entre indivíduo e sociedade consecutivamente terminam para dirigir a análise no sentido de apreciar, respectivamente, tanto as suas relações internas, quanto as suas relações externas”.

Dessa forma, podemos verificar a dinâmica das relações entre seus membros (papéis, poder e autoridade), bem como das suas relações com as outras dimensões da vida social, da comunidade e da sociedade em que estão inseridos.

Não se pretende referir à família somente no sentido de aferir-lhe a responsabilidade no fenômeno da exploração sexual feminina de adolescentes, mas seria muito prudente que citasse Lévi-Strauss (1966, p. 140), onde: “[...] a família nos afigura como fatos sociais positivos, talvez a única, sem abatidos a defini-la unicamente por sua constitutiva positiva. Salienta-se o acontecimento de que, sucessivamente tentamos apontar o que é família insinuando também o que ela não é; negativa e são tão importantes quanto os outros”.

Sendo assim, é preciso que uma criação eficaz, ausente de posturas e relações estáticas, e sua desigualdade que pode vir a ser uma expectativa de melhor qualidade de vida, entretanto em contrapartida de continuarem atentos para o que também possam ter domínio das situações desestruturadoras na evolução da instituição familiar, bem como de seus membros.

4.2 Prostituição Infantil: Incertezas e Inseguranças

Essa situação tem a capacidade de ocasionar uma abertura dos laços, na esperança de localizar na prostituição tudo aquilo que lhe foi recusado como amor, carinho, prazer, probabilidade de aperfeiçoar vínculos afetivos, segurança, entre outros, mesmo que para isso tenha que se apresentar às situações de furto ou tráfico e uso de drogas.

Sempre apresentam muitas surpresas e inseguranças as transformações que vêm suportando as famílias e que têm provocado mudanças nos papéis, valores e cotidianos familiares. Conseqüentemente, são nessa circunstância bem ampla que devem ser refletidas as famílias brasileiras que contêm em seu interior o fenômeno da exploração sexual de adolescentes.

Entretanto, é muito importante não culpar essas famílias, pois o momento social, cultural, econômico e político que se vive sozinha diante da imensa e difícil tarefa de apoiar, criar e educar seus filhos, sem que tenham a mínima retaguarda que possam estruturá-las diante das situações de adversidades que as permeiam.

A família precisa ser entendida nas suas mediações, ou até nas suas próprias especificidades emocionais, em que para Rey (2001, p.22) *apud* Peres (2000), “é indispensável poder compreender as subjetividades em torno da família, de acordo com os seus estilos de afinidade e a maneira como eles possam afetar o ambiente psicológico em meio a seus membros” .

Segundo Romanelli (1997) se refere à família, tecendo comentários que entrelaçam as relações entre seus membros.

O centro da vida doméstica é estruturado por afinidades de autoridades e de podes e vínculos de afetividade. Os formatos de sociabilidade na família são ajustados pela junta entre essas relações estruturais e o procedimento de anseio e de emoções está misturada, de modo confuso e nem sempre explícito, à dominação e também à sua contestação. (ROMANELLI,1997, p.27)

Por não serem estáticos, os seus próprios processos de desenvolvimento estarão submetidos a uma desestruturação gradativa das relações e laços entre seus membros. Dessa forma, precisamos olhar essas famílias a partir de suas concepções reais, da visão que elas têm de si próprias, de suas vivências familiares concretas, bem como de suas concepções ideais ou expectativas de realização (BOTELHO, 2003 *apud* PERES, 2002)⁴⁶.

A desigualdade das causas que estão agregadas ao acontecimento da exploração sexual feminina de adolescentes pode, então, ser entendida a partir das circunstâncias de pobreza, de exploração sexual, as afinidades de gênero e poder, da raça, da mídia e da hierarquia etária.

Deste modo, há uma gama de circunstância que analisa como prevenção de não banalizá-las e acolher o que de acordo com a ideologia o que nos foi sinalizado e imposto como natural.

4.3 Pauperização das Famílias Brasileiras

Segundo Botelho (2003) *apud* Bilac (1995)⁴⁷, a pobreza das famílias brasileiras chega a ser marcada como um dos fatores decisivo do ingresso de crianças e adolescentes na prostituição, pela queda do poder aquisitivo do chefe de família, pelo aumento de mulheres (sozinhas) como chefes de família e pelo crescente desemprego, como modelo socioeconômico que atualmente vivemos.

⁴⁶ Stella Maris Nogueira Botelho. “**Prostituição de Adolescentes**”: Uma Imagem Construída na Adversidade da Sociedade. 2003. PEREZ, A. F. **O filho primogênito**: suas características e seus relacionamentos no contexto familiar. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002. Disponível em: <http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/Ssaude/principal/acervo/Prostit-Adoles.pdf>. Acesso em: 13/06/08.

⁴⁷ *Ibid*

Uma família que se baseia na articulação entre o trabalho doméstico e o trabalho remunerado, mas que, reiterada, embora intermitentemente, termina por recorrer ao trabalho feminino remunerado e, dada à precariedade deste, ao trabalho das crianças e jovens, ao mesmo tempo em que busca prolongar a escolarização dos filhos. (BOTELHO, 2003 *apud* BILAC, 1995)⁴⁸.

No entanto esse alongamento da escolarização não se aprova, pois toda essa situação de relações cheias de conflitos agrava ainda mais as ocasiões de fracasso e evasão escolar e, mesmo que a escola não consistir em fornecer uma garantia de superação dessa desordem, ainda compartilha-se com Silveira (2002, p. 63) que “o ambiente escolar concede uma chance de resgate e superação das carências atuais nesta situação”.

A pobreza, a humildade não é exclusivo decisivo da violência estrutural dessas famílias, mas, em suas raízes, encontramos um processo de fragilização social e situações atribulado que dependente a escassez de alimentação, moradia, amparo, escola e relação intrafamiliares de violência, promovidas pelo uso e o comércio de drogas, alcoolismo, promiscuidade, desemprego e pela decepção do mundo social e dos seus membros o qual faz parte do cotidiano da sociedade. (BOTELHO, 2003)⁴⁹.

Segundo Peres (2001, p. 227), que complementa que “se eles não têm entrada ao mundo do trabalho satisfatório, à saúde, à escola, as suas probabilidades de concretização acabam permanecendo restritas, assim como o clima psicológico de seu dia-a-dia fica danificado pelas tensões e pelas confusões daí derivados”.

4.4 Pedofilia

De acordo com Périas (2005, p. 25), a pedofilia é um distúrbio de comportamento sexual, aonde o indivíduo amadurecido tem sentimentos e desejos compulsivos, de atitude homossexual, principalmente quando se envolve com meninos, ou heterossexual, bem como envolve meninas, por crianças ou pré-adolescentes.

⁴⁸ *Ibid*

⁴⁹ *Ibid*

O distúrbio da pedofilia acontece na maioria dos casos em homens de traços típicos da timidez, que se sentem inútil e incapaz de obter satisfação sexual com mulheres adultas.

Na maioria dos casos advirem com homens casados, que não estão satisfeitos sexualmente. Sendo portadores de distúrbios emocionais que impedem de ter um relacionamento sexual saudável com suas esposas.

O próprio pedófilo se sente protegido na ação sexual e na influência da circunstância diante da criança. Na maioria dos casos averiguados envolviam homens em média 15 anos mais velhos que sua vítima. (PÉRIAS, 2005, p.48)

Quando acontece a pedofilia nos casos de famílias pobres, às vezes vem seguida devido ao uso de bebidas alcoólicas. Uma parte bem extensa dos casos é de freqüentação incestuosa.

Na maior parte dos casos a criança é submetida a estes atos ficando em silêncio, pois teme o desafronto com o adulto.

A maior parte dos casos é desvendada por algum outro adulto, que às vezes acaba ficando sem saber como lidar com a situação. Se você, adulto, se enquadra na posição do descobridor, procure um profissional para orientação. Assim você estará ajudando a criança e o portador do distúrbio de conduta.

Em 100% dos casos, as crianças molestadas sexualmente sofrem de dificuldades sexuais ou emocionais na vida adulta.

Segundo o I Congresso Mundial contra a exploração sexual de crianças, realizado em Estocolmo, no mês de agosto de 1996, foram tratadas questões de fundo sobre o significado, onde permaneceram em aberto através de três perspectivas: social, psicológica e ética.

Os Pedófilos de todo o mundo comunicam-se entre si através de imagens e mensagens, que são oferecidas por meio de técnicas sofisticadas, como por exemplo: Internet. Bom, o fato é que, dentre outras causas da pedofilia, que foram mencionadas no referido Congresso, está a pobreza, que leva muitos pais a prostituírem seus filhos para sobreviverem;

a urbanização não planejada, as migrações, a desintegração familiar e o medo de contágio da AIDS.

4.5 Pedofilia na Família

Quando se trata da família, o incesto tem comprometido todos os seus membros, pois os obriga a silenciar. “O incesto pai/filha é o mais freqüente e suas conseqüências são as piores possíveis, pois o abuso sexual de menores provoca danos na estrutura e nas funções do cérebro incluindo aquelas que desempenham papel importante na cognição, na memória e nas emoções”. Podemos citar algumas seqüelas observadas por alguns pesquisadores: depressão, propensão a abuso de álcool e drogas. (PÉRIAS, 2005, p. 57).

É na família que são contadas as piores histórias. Para entender a pedofilia é indispensável compreendê-la sob diversos aspectos, começando do agressor até o da vítima, atravessando pela família, que muitas vezes omite esses casos e acaba indo contra a criança que sofre da exploração sexual.

No clero, a onda de pedofilia entre os padres da Igreja Católica, mais precisamente a Americana, vem ultimamente ocupando amplo espaço nos meios de comunicação de massa, inclusive no Vaticano. E o Papa João Paulo II, chegou até a convocar uma reunião com eles, sobre esse assunto, um grupo de prelados americanos. (CHAVES, s/d)⁵⁰.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) existe para protegê-los, a sociedade reprovava os atos contrários, as pessoas possuem discursos longos e severos contra a prática de pedofilia. Mesmo assim, a cada dia que passa o número de casos registrados eleva-se e crianças e adolescentes se perdem em meio aos abusos cometidos pelos adultos. (RIBEIRO, 2008)⁵¹.

⁵⁰ José Reis Chaves. **Celibato e Pedofilia**. s/d. Disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/jose-chaves/celibato.html>. Acesso em: 20/08/08.

⁵¹ Giovanni Ribeiro. **Aposentado é preso em Montes Claros sob acusação de pedofilia**. 2008. Disponível em: http://www.gazetanortemineira.com.br/index.php/pagina_control/textos/8/810. Acesso em: 15/09/08.

Após finalizar esse capítulo ver-se que a família é algo muito importante na vida das crianças e dos adolescentes, que através dela se vê o futuro de uma criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após finalizar essa pesquisa, percebemos o quanto é importante a nossa, conscientização e colaboração nessa luta, que às vezes chegamos a pensar que jamais será vencida.

Ver-se que a exploração sexual infantil no Brasil, já vem durante décadas e que a nossa visão para a exploração sexual infantil tem nos mostrado como um tema tabu que buscávamos reduzir a áreas do planeta com graves deficiências econômicas ou com déficits de coerência social ou reconduzir a guetos pobres e miseráveis de nossas cidades.

A exploração sexual de crianças e adolescentes estão presentes em 937 municípios brasileiros. O fenômeno é generalizado no território nacional. Estão incluídas na lista todas as 27 capitais, inclusive Brasília. Os dados fazem parte do primeiro levantamento nacional sobre exploração sexual comercial infanto-juvenil, divulgado pelo secretário especial de Direitos Humanos.

A campanha governamental contra a prostituição infantil e de adolescentes, geralmente deve ser concentrada nos pontos turísticos de suas cidades onde acontece o maior centro de comercialização.

Percebe-se que a campanha contra a prostituição infantil, não está sendo uma campanha para criar perspectivas de vida digna para crianças e adolescentes atoladas numa situação de miséria e degradação social.

Observa-se que está sendo uma campanha repressiva, que se apóia num código moral puritano, descolado da vida corrente e que desconhece a realidade social das vítimas da prostituição.

Este caso de prostituição infantil, não é um caso de política pública de resgate. É uma ação de polícia.

No discurrir do trabalho ver-se que a deterioração social da prostituição é desprezível, mas desde períodos imemoriais ela tem sido preferida à morte ou ao trabalho escravo por mulheres de todas as idades. Assim como a prostituição se torna uma doença social em uma aberta escala, como se tornou no Brasil, é que alguma coisa de errado ou ilícito existe no adequado eixo de organização da sociedade. Não é necessário procurar muito, onde são maiores os índices de prostituição infantil e de adolescentes no Brasil, é aí exatamente onde estão as maiores taxas de desemprego e de subemprego.

É uma tragédia social. Imagine uma criança ou adolescente com os pais desempregados ou subempregados, e com alguns irmãos mais novos famintos, vendo ele próprio sem qualquer expectativa sólida de sobrevivência. Reflete para a atual situação, será que o código moral contra a prostituição acaso será capaz de detê-los?

Pronunciarão que não há qualquer solução em curto prazo para o problema social existente e que, enquanto essa saída não vem, tem-se que fazer alguma coisa para proteger a infância e a adolescência.

Espera-se do Estado um ataque frontal ao problema do ponto de vista macroeconômico. Só ele, ninguém mais, tem os instrumentos para fazer uma política de pleno emprego.

Vamos começar a dar aos acontecimentos seus nomes reais, sem hipocrisia, e assim distribuir responsabilidades.

O nosso país precisa desenvolver e criar perspectivas de vida para as nossas crianças e adolescentes, criar uma perspectiva de vida para os quais fazem parte desse mundo tão cruel.

Tem-se a certeza de que tudo isso é uma vergonha nacional. É um crime contra nossas crianças e adolescentes. Ver-se que não é algo que possa ser combatido hipocritamente com ações de policiais nas portas dos hotéis. A prostituição em uma extensa escala tem sido uma consequência direta da política macroeconômica.

Concluimos que a política econômica contracionista está deixando sua marca não só na prostituição infantil, mas em toda vida social brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, A. e KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- ALVES, S. **Prostituição e sonhos em alto mar**. O Estado do Maranhão. São Luís, 15 abr, Caderno Cidade, esporte e estado, 2001.
- AYRES, J. C. M. O Jovem que buscamos e o encontro que queremos ser. In: TOZZI, D. A. **Papel da educação na ação preventiva abuso de drogas e as DST/ Aids** – São Paulo: FDE – Fundação para o Desenvolvimento da Educação. (Série Idéias, 29), 1996.
- AZEVEDO, M. A. Conseqüências psicológicas da vitimização de crianças e adolescentes. In: Crianças Vitimizadas: A Síndrome do Pequeno Poder (M. A. Azevedo & V. N. A Guerra, org.), São Paulo: Iglu. 1986.
- BILAC, E. D. Sobre as transformações nas estruturas familiares no Brasil. Notas muito preliminares. In: RIBEIRO, A. C. T. (org.) **Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira**. São Paulo: Loyola, 1995.
- CAMPOS, J. O.; FALEIROS, E. T. S. (Org.) **Repensando os conceitos de violência, abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes**. CECRIA: Brasília, 2000.
- DIMENSTEIN, Gilberto. **Meninas da noite: a prostituição das meninas escravas no Brasil**. São Paulo, Ática, 1992.
- GARCIA, I. Vulnerabilidade e resiliência. In: **Adolescência Latino Americana: revista científico-cultural multidisciplinar bilingüe**. Porto Alegre. v. 2, n. 3, abr. 2001.
- GOMES, R. **O corpo na rua e o corpo da rua: a prostituição infantil feminina em questão**. São Paulo: Unimarco Editora, 1996.
- IBOR, Juan José López. **Livro da Vida Sexual**. Lisboa – Portugal CELBRASIL, 1979. Vol. I e II.
- JESSOR, R.. **Desenvolvimento adolescente sucesso entre os jovens de alto risco definições**. American Psychologist, 1993.
- LÉVI-STRAUSS, C. A família. In: SHAPIRO, H. L. (Org.) **Homem cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1966, p.125-150.
- LINDSTRÖM, B. O. Significado de resiliência. In: **Adolescência Latino Americana: revista científico-cultural multidisciplinar bilingüe**. Porto Alegre. v. 2, n. 3, p.133-137, abr. 2001.
- LUPPI, C. A. **Malditos Frutos do Nosso Ventre**. São Paulo: Ícone, 1987

MELILO A., Nestor E., OJEDA S. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Pioneira Editora. 2006.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 6. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.

MONESI, A. A. Adolescência e vivência da sexualidade. In: RIBEIRO, M. (org.). **Educação Sexual: novas idéias, novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

MUNIST, M. et al. El concepto de resiliencia. In: _____. Manual de identificación y promoción de la resiliencia en niños y adolescentes. Organización Panamericana de la Salud. Organización Mundial de la Salud. Set, 1998.

PERES, V. L. A. Concepções de família em população de periferia urbana. In: SOUZA, S. M. G. **Infância, Adolescência e Família**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2001.

PERES, M. C. T. S. ; ROMERA, Maria Lucia Castilho . **A vivência da gravidez e da maternidade de prostitutas**. Revista Brasileira de Sexualidade, São Paulo, Ed. Iglu, v. 10, n. 1, 1997.

PÉRIAS, Gilberto Rentz. **Pedofilia – Corrupção de Menores**. 3º ed, Direito Penal, Sta Cruz da Conceição: Vale do Mogi, 2005.

ROMANELLI, G. Família de classes populares: socialização e identidade masculina. **Cadernos de Pesquisa NEP**, Campinas, v. III, n.1-2, p.25-34, 1997. Rosenthal & Knobel, 1991.

ROSENTHAL, Gela; KNOBEL, Mauricio. **A Adolescência Normal. Um Enfoque Psicoanalítico**. 3º Ed, 1991.

SAFFIOTI, H. I. B. Exploração sexual de crianças. In: AZEVEDO, M. A., GUERRA, V. N. A. **Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder**. São Paulo, Iglu Editora, 1989.

SAITO, M. I. Adolescência, Cultura, Vulnerabilidade e Risco. A prevenção em questão. In: SAITO, M. I.; SILVA, L. E. V. **Adolescência: prevenção e risco**. São Paulo: theneu, 2001.

SANTOS, C. M. A.; RODRIGUES, J. V.; QUEIROZ, M. O. & PINHEIRO, A. A. A., 1991. **Prostituição infantil: considerações teóricas e observações sobre a realidade da cidade de Fortaleza**. Revista de Psicologia,, 1990, p. 97-113.

SEIXAS, A. H. Abuso sexual na adolescência. In: SCHOR, N.; MOTA, M. S. F. T.; BRANCO, V. C. (Org.). **Cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento**. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, 1999, p.117-135.

SILVEIRA, S. C. A Família é para todos? A perspectiva de meninos institucionalizados. In: WAGNER, A. (Coord.). **A Família em Cena: Tramas, Dramas e Transformações**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

SOUZA, S. M. G. **Infância, Adolescência e Família**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2001.

YUNES, M.A. & SZYMANSKI, H. **Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas**. Resiliência e Educação. São Paulo: Cortez, 2001.

TORRES, G. V. et al. Prostituição: causas e perspectivas de futuro em um grupo de jovens. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. Ribeirão Preto. v.7, n.3, julho, 1999.

TOZZI, D. A. **Papel da educação na ação preventiva abuso de drogas e as DST/ Aids** – São Paulo: FDE – Fundação para o Desenvolvimento da Educação. (Série Idéias, 29), 1996.

VÁSQUEZ, A.S. **Filosofia da Práxis**. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

ZIMERMAN, D. **Como trabalhamos com Grupos**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.

Endereço Eletrônico

ALVES FILHO, Manoel. **Na rota da prostituição infantil**. 2005. Disponível no site: http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/agosto2005/ju299pag12.html. Acesso em: 21/05/08.

AMORIM, Larissa. **Prostituição Infantil**. Disponível no site: http://www.periodicoedireito.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=240&Itemid=31. Acesso em: 22/05/08

BARROS, Nívea Valença. **Violência intrafamiliar contra criança e adolescente**. 2005. Disponível no site: http://www.uff.br/maishumana/acervo/publicacoes/teses/viol_intraf1.pdf. Acesso em: 23/10/08

BOTELHO, Stella Maris Nogueira. "Prostituição de Adolescentes": Uma Imagem Construída na Adversidade da Sociedade. 2003. Disponível no site: <http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/Ssaude/principal/acervo/Prostit-Adoles.pdf>. Acesso em: 13/06/08.

CHAVES, José Reis. **Celibato e Pedofilia**. s/d. Disponível no site: <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/jose-chaves/celibato.html>. Acesso em: 20/08/08.

COSTA, Francisco; ARAÚJO, Chico. **Site do governo federal ensina como ser prostituta**. 2008. Disponível no site: http://www.oaltoacre.com/index.php?option=com_content&task=view&id=2845&Itemid=26. Acesso em: 10/03/08.

GOLDENBERG, Jacob Pinheiro. **Olhar Masculino Perverso**. 1999. Disponível no site: <http://orbita.starmedia.com/~dossiepedofilia/info01.htm>. Acesso em: 15/02/08.

GOMES, R. **Prostituição infantil: uma questão de saúde pública**. 1994. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010211X1994000100007&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 17/04/08.

GONNERMAN, Adam. **Prostituição infantil**. 2008. Disponível no site: <http://igneusquill.blogspot.com/2008/04/prostituio-infantil-e-obra-da-igreja-no.html>. Acesso em: 12/09/08.

LOPES, Cleber. **Sendo Resiliente**. 2007. Disponível no site: <http://www.portalmaratimba.com/noticias/news.php?codnot=214553>. Acesso em: 12/06/08.

LOPES, Roberta. **Exploração sexual feminina de adolescentes**. s/d. Disponível no site: <http://200.222.60.171/PDF/exploracao%20sexual%20feminina%20de%20adolescentes.pdf>. Acesso em: 03/06/08.

MELLO, Michelle Marques de. **A Prostituição Infantil**. 2007. Disponível no site: <http://trabalhoinfantilm.blogspot.com/2007/05/prostituio-infantil.html>. Acesso em: 11/05/08.

MENDONÇA, Alessandra. **Prostituição Infantil Terceiro Comércio mais Rentável** 2006. Disponível no site: www.ancomarcio.com/site/publicacao.php?id=17709. Acesso em: 12/04/08.

RIBEIRO, Giovanni. **Aposentado é preso em Montes Claros sob acusação de pedofilia**. 2008. Disponível no site: http://www.gazetanortemineira.com.br/index.php/pagina_control/textos/8/810. Acesso em: 15/09/08.

RODRIGUES, Leila Célia Garcia. **A infância violada: ameaçada pelos maus tratos**. 2007. Disponível no site: http://www.coopemult.com.br/olharcritico/ver_artigo.asp?codigo=290. Acesso em: 13/04/08.

SALES, Gilberto. **Prostituição Infantil**. s/d. Disponível no site: http://www.luz.eti.br/cr_prostituicaoinfantil.html. Acesso em: 02/06/08.

SILVA, Kelly Oliveira. **Prostituição**. S/D. Disponível em: <http://www.coladaweb.com/diversos/prostituicao.htm>. Acesso em: 15/02/08.

SOARES, Ilze. **Prostituição Infantil**. 2007. Disponível no site: <http://www.overmundo.com.br/overblog/a-prostituicao-infantil>. Acesso em: 20/02/08.

SOCIOLOGIA JURÍDICA E VIOLÊNCIA INFANTIL. Disponível no site: http://sitiopet.blogspot.com/2006/06/artigo_final.html. Acesso em: 23/05/08.

VASCONCELOS, A., 1991. **A prostituição de meninas e adolescentes no Recife**. Tempo e Presença, 1991, p. 22-23. Disponível no site: http://www.caritasne2.org.br/sis/rede_noticia.kmf?canal=165. Acesso em: 21/03/08.

ANEXO

DECLARAÇÃO DE REVISÃO ORTOGRÁFICA E GRAMATICAL

Declaro para os devidos fins que eu, _____, licenciada em Letras pela Faculdade _____, procedi à revisão ortográfica e gramatical da monografia sob o título: “A Prostituição Infantil no Brasil”, sob orientação da professora Claudia Pimenta Leal, por ser verdade firmo a presente declaração.

Ceres, _____ de dezembro de 2008

Marly